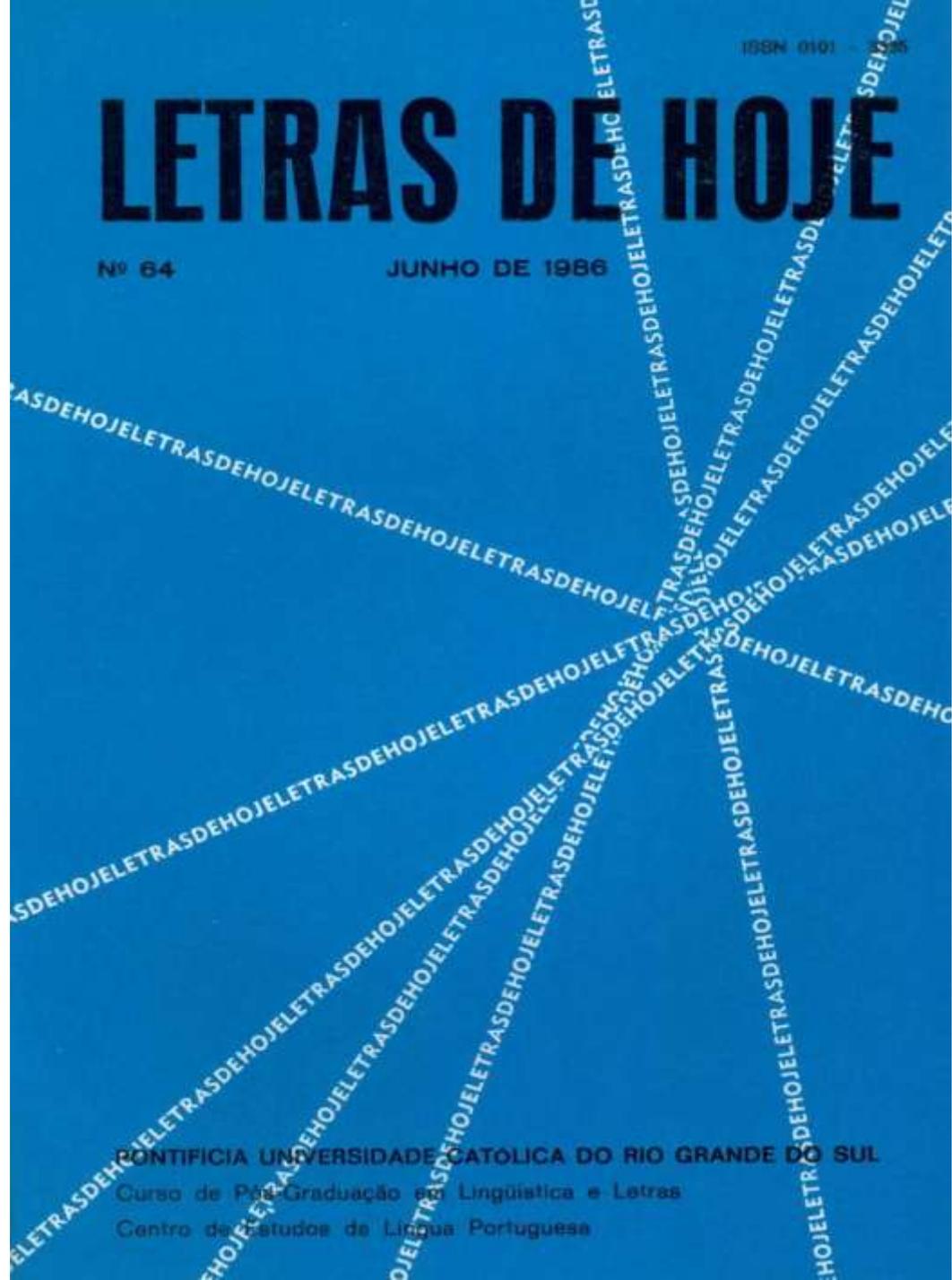


LETRAS DE HOJE

Nº 64

JUNHO DE 1986



RONTIFICIA UNIVERSIDADE CATOLICA DO RIO GRANDE DO SUL
Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras
Centro de Estudos de Língua Portuguesa

Letras de Hoje
estudos e debates de
assuntos de lingüística,
literatura e língua
portuguesa

EXPEDIENTE

LETRAS DE HOJE

Fundada em 1967

Administração: Avenida Ipiranga, 6681

Caixa Postal 1429

90.000 Porto Alegre - RS - Brasil

Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras/Centro de Estudos da Língua Portuguesa em convênio com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

Diretor: Prof. Ir. Elvo Clemente

Vice-Diretor: Prof. José Marcelino Poersch

Revisão e correspondência:
Prof.^a Maria Rita Motta Guedes
Quintella

Conselho Editorial

Para assuntos lingüísticos: Augustinus Staub, José Marcelino Poersch, Leonor Sciar Cabral, Feryal Yavas e Mehmet Yavas.

Para assuntos literários: Gilberto Mendonça Teles, Heda Maciel Caminha, José Édil de Lima Alves, Petrona Domínguez de Rodríguez Pasqués e Regina Zilberman.

Para assuntos interdisciplinares: Ignacio Antônio Neis e Urbano Zilles. A Revista aceita contribuições de sua especialidade.

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados.

A Revista aceita trocas.
On demande l'échange.
We ask exchange.

Preço da assinatura
- 4 números anuais -
Brasil: Cz\$ 30,00
Exterior: US\$ 30
Número avulso: Cz\$ 25,00

Os pagamentos podem ser feitos por cheques bancários ou através de vale postal em favor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

- REGINA ZILBERMAN — Apresentação. p. 5
- ANTÔNIO SOARES AMORA — A crítica, a historiografia e a teoria literária de Fidelino de Figueiredo. p. 7
- ELVO CLEMENTE — A crítica na Universidade e na Imprensa p. 14
- CATARINA HOLZERMAYR ROSENFELD — A crítica romântica p. 19
- CASSIANO NUNES — Monteiro Lobato e Anísio Teixeira: o sonho da educação no Brasil. p. 25
- HEDA MACIEL CAMINHA — Para uma leitura do aparelho liminar. p. 55
- IGNEZ SOFIA DE VARGAS PEIXOTO — *Vida extinta*: da iniciação para a poesia a uma criação definitiva p. 61
- REGINA DE FIGUEIREDO AVELAR — A linguagem verbal no processo de socialização infantil p.
- WOLFGANG BADER — A colonização e descolonização da literatura: o exemplo do Caribe (francês) p. 97
- NÚBIA N. MARQUES — Presença de Fernando Pessoa. p. 125
- RESENHAS
Bandoleiros, por Fernando C. Gil p. 135
Abacaxi, por Homero J. Vizeu Araújo p. 136

APRESENTAÇÃO

Em dezembro de 1984, a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, junto com o Centro de Pesquisas Literárias e o Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, organizou o III Seminário Brasileiro de Crítica Literária. O temário deste voltou-se principalmente à análise da história e contribuição dos cursos de Letras para a formação e consolidação de uma crítica literária nacional, caracterizada por suas linhas de trabalho e abrangência dentro e fora da Universidade. São alguns destes estudos que constam deste número de *Letras de Hoje*, que assim recupera o debate então estabelecido relativamente ao lugar e às tendências da crítica literária nascida na universidade, mas também desempenhada fora do âmbito desta.

Os demais estudos lidam com questões aplicadas da Crítica Literária: examinam a obra de importantes escritores e intelectuais das literaturas brasileira e portuguesa, como Monteiro Lobato, Anísio Teixeira, Felipe D'Oliveira e Fernando Pessoa; verificam questões relacionadas ao ensino, seja nas classes de alfabetização em zonas periféricas e economicamente marginalizadas, seja no âmbito do terceiro grau e associadas à Teoria da Literatura, e discute o problema do colonialismo cultural e da dependência enfocado a partir da literatura do Caribe.

Reunindo aqui ensaios de procedência diversa, mas próximos na qualidade com que examinam os temas a que se propõem, esta revista tem a certeza de estar levando adiante sua principal meta: a de contribuir para a discussão de candentes tópicos literários, nos níveis teórico, aplicado e histórico, visando fortalecer a disciplina à qual se relaciona e que procura discutir neste número a crítica literária nacional, associada à produção universitária e ao trabalho docente no âmbito da graduação e pós-graduação.

REGINA ZILBERMAN

Organizadora

A CRÍTICA, A HISTÓRIOGRAFIA E A TEORIA LITERÁRIA DE FIDELINO DE FIGUEIREDO

Antônio Soares Amora
Professor Emérito da USP

A presente circunstância, que nos tem aqui reunidos, creio bem definida para todos nós, tanto nos fatos como nos objetivos: estamos realizando um seminário brasileiro de crítica literária, neste ano dedicado à comemoração do cinquentenário da criação no Brasil, com a fundação da Universidade de São Paulo, do curso superior de Letras e, neste, do curso de Literatura Portuguesa. E mais: estamos homenageando a memória de Fidelino de Figueiredo, que foi o iniciador e influente orientador do ensino dessa disciplina entre nós.

Tendo estado eu ligado a Fidelino de Figueiredo, por trinta anos, desde sua chegada ao Brasil em 1938, até sua morte em 1967, primeiro como aluno, depois como assistente e, por fim, como sucessor na cadeira de Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo, pareceu, aos organizadores deste seminário, que eu estaria credenciado para lhes falar acerca da crítica, da historiografia e da teoria literária de Fidelino de Figueiredo e de sua influência no Brasil. Procurarei corresponder à presunção.

BIOGRAFIA PROFISSIONAL DE FIDELINO DE FIGUEIREDO

Se bem reconheça, como todos os presentes, que biografia e obras são realidades diferentes e que reciprocamente só em termos limitados se explicam, não posso começar esta exposição sem lhes recordar, no que teve de essencial, a biografia profissional de Fidelino de Figueiredo.

Fidelino de Figueiredo nasceu em Lisboa, em 1888, cidade em que fez seus estudos básicos e superiores, formando-se na

Faculdade de Letras, em Faro, no Algarve, iniciou sua carreira de professor de liceu, mas logo transferido para Lisboa, foi aí que mais tempo exerceu sua atividade docente no ensino secundário e foi aí que começou a impor-se como crítico e historiador da literatura portuguesa. São desta fase, que começou em 1911 e terminou em 1928, a *História da crítica literária em Portugal*, *A crítica literária como ciência*, *A história da literatura portuguesa*, *a Clássica*, *a Romântica e a Realista*, vários artigos de crítica, começados a reunir em *Estudos de Literatura* e ainda a direção de sua conhecida e prestigiada *Revista de História*. Exilado em 1928, por motivos políticos, viveu, a partir de então, até 1951, sua vida de professor universitário, na Espanha, nos Estados Unidos e mais longamente no Brasil, onde chegou, como disse, em 1938. A esta fase de sua vida corresponderam, a par de uma intensa e influente ação universitária, como ocorreu no Brasil, particularmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, uma atividade de especialista em literatura ainda mais importante que a anterior, porque consistiu na revisão, na atualização e na definitiva reformulação de suas idéias acerca da crítica, da historiografia e da teoria literária (vejam-se suas obras *Aristarchos* e *A luta pela expressão*) e também porque foi nesta fase que escreveu suas mais importantes obras de crítica (leia-se seu estudo *Antero*) e de historiografia literária (leia-se seu importante trabalho, *A épica portuguesa no século XI*). Atingido em 1951 por incurável distúrbio neurovascular, voltou a Lisboa, onde em três lustros, apesar de progressivamente tolhido da fala e dos movimentos, ainda conseguiu escrever uma notável obra de pensamento existencial, iniciada com o volume *Um colecionador de angústia* e concluída com um oitavo volume, *Paixão e ressurreição do homem*, publicado dias antes de sua morte, em 1967.

A CRÍTICA, A HISTORIOGRAFIA E A TEORIA LITERÁRIA DE FIDELINO DE FIGUEIREDO

Ninguém melhor do que o próprio Fidelino de Figueiredo resumiu a evolução de sua atividade crítica, o que fez no epílogo da obra *A luta pela expressão*, que publicou em 1944 e com a qual praticamente encerrou sua atividade neste campo de trabalho. Glosou suas palavras. "O presente ensaio — diz Fidelino de Figueiredo — põe termo a uma longa reflexão do autor sobre o fenômeno literário: natureza intrínseca da arte da palavra escrita, método e função da crítica. Foi talvez — continua o autor — uma doença crônica, de que se defendeu aplicando, sem o saber, a terapêutica freudiana: trazer o inconsciente ao pleno relevo do consciente, para o dominar e dirigir. Ou foi só egoísmo intelectual: dar importância a um rumo da atividade, para que sentia certa propensão. Aquele egoísmo do especialista, que procura um lugar de honra para seu pequeno setor, na classificação das ciências ou no inventário geral do saber.

Mas a moléstia — ou o egoísmo intelectual — teve alternativas na sua virulência e suscitou variações nos processos de reação — continua F.F. —: "em 1912", com "fé devotada no método científico para construir a história literária", escrevi *A crítica literária como ciência*; em 1918, dadas as minhas "dúvidas sobre a rigidez objetiva da crítica e" meus "anelos de uma valorização maior do trabalho crítico" escrevi *Criação e crítica literária*; em 1939, compreendi que havia "cisão franca do trabalho crítico em ciência da literatura e direção de espírito" e esta idéia expus em *Aristarchos*; em 1941, houve em meu espírito uma "transformação completa do conceito de literatura e do conceito de crítica e então passei a ver a literatura e a crítica "de mais alto, como sublimações de traços elementares e constantes do espírito humano — o seu esforço de compreensão e a sua luta pela expressão" donde meu ensaio *Em defesa da literatura* finalmente, cheguei ao "lineamento de uns prolegômenos para alguma futura filosofia da literatura", que expus nesta obra, *A luta pela expressão*, onde se contém o ponto a que chegou meu espírito na concepção do fato literário e do fato crítico.

Quanto à atividade de Fidelino de Figueiredo como historiador da literatura, permito-me resumi-la nestes passos: começou,

nos anos 10 e 20, por fazer uma revisão crítica da história da literatura portuguesa, tendo em vista, em oposição a uma dominante concepção sociológica de Teófilo Braga, pôr em evidência as obras portuguesas de particular significação artística e, de seus autores, não a biografia cartorial ou civil, mas a biografia intelectual e literária; no sentido destes objetivos publicou a *História da literatura clássica*, *A história da literatura romântica*, *A história da literatura realista* e a primeira versão de sua prestimosa síntese didática da história geral da literatura portuguesa (v. *História da literatura portuguesa*, 1927); nos anos 30, tendo-o levado a vida universitária, na Espanha, nos Estados Unidos e no Brasil, a ocupar-se também da literatura espanhola, escreveu a primeira e ainda hoje fundamental introdução à história comparada das duas principais literaturas ibéricas (v. seu livro *Pyrene*, 1935); por fim, nos anos 40, encerrando sua atividade no campo da historiografia literária, publicou sua mais importante obra de investigação e crítica histórica, *A épica portuguesa no século XVI. Subsídios documentares para uma teoria geral da epopéia*.

Mas o que sobretudo importa saber, para avaliar a importância de Fidelino de Figueiredo como crítico e historiador da literatura, não é a evolução de sua atividade nestes campos de trabalho e as obras que daí resultaram. Para chegar a essa avaliação o importante é saber qual a contribuição que tão longa e produtiva atividade deu para a compreensão da literatura, da crítica, da historiografia e da teoria literária. E a este propósito é necessário que se saiba que Fidelino de Figueiredo se distinguiu não apenas por ter produzido obras modelares de crítica e de história, mas também por ter sabido refletir sobre sua experiência, que foi extraordinária, e nos dar, como resultado dessa reflexão, duas obras básicas de teoria da literatura: *Aristarchos*, que é uma metodologia da crítica e da história literárias, e *A luta pela expressão*, que é uma introdução à filosofia da literatura, dedicada à reflexão sobre a natureza do fato literário e do fato crítico.

Três aspectos, portanto, se distinguiram, nos quarenta anos que Fidelino de Figueiredo dedicou ao estudo e ao ensino da literatura: o da crítica, o da historiografia e o da teoria literária. E cumpre agora dizer que lição nos deixou em cada uma dessas linhas

de seu labor profissional, que foi, sem exagero, invulgar, pelo saber que o alimentava, pela inteligência que o conduzia, pela capacidade de reflexão e de expressão que o servia.

CONTRIBUIÇÃO DE FIDELINO DE FIGUEIREDO AO ENSINO SUPERIOR DE LETRAS NO BRASIL

Quando Fidelino de Figueiredo começou suas atividades na Universidade de São Paulo, em 1938, o ensino da literatura no Brasil limitava-se ao curso pré-universitário, iniciado dentre nós três anos antes, e onde, nos seus dois anos letivos, três aulas por semana eram dedicadas à história de todas as literaturas antigas e modernas, inclusive, naturalmente, as literaturas portuguesa e brasileira. Fiz esse curso, nele lecionei e posso dizer que mais ambicioso e falacioso não poderia ter sido nos seus objetivos, que eram levar o estudante pré-universitário a conhecer todas as literaturas do mundo, e nem mais impiedosa, está-se a ver, a sobrecarga imposta à memória dos alunos. Em seguida a esse curso básico, um estudante interessado num curso superior de literatura poderia fazê-lo ingressando num curso de Letras da recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, e aí, a par das literaturas clássicas e das chamadas estrangeiras, podia fazer seu curso de literatura luso-brasileira, como eram então designadas e compreendidas as nossas principais literaturas vernáculas. Diante desta situação, Fidelino de Figueiredo procurou, desde logo, com seu tato político, mas ao mesmo tempo com sua obstinação, exercer uma ação corretiva neste incipiente ensino da literatura: primeiramente propôs, no curso de Letras da USP, a imediata separação do ensino das literaturas vernáculas, e assim nasceram no Brasil, em nível superior, os cursos de literatura brasileira e de literatura portuguesa, ficando à responsabilidade de um brasileiro o curso de nossa literatura; em seguida, no seu curso, contra a voga do ensino da história literária, com seus equívocos, tão flagrante no curso pré-universitário, Fidelino de Figueiredo começou e acabou por impor, na Universidade de São Paulo, um ensino de literatura completamente diverso.

Em primeiro lugar, devíamos começar por aprender a ler uma obra literária, o que significava buscar compreender seu conteúdo, incorporando-o à nossa maneira de ver e sentir a realidade que aí se expressava, e, ao mesmo tempo, buscar compreender o valor comunicativo dos recursos de expressão achados pelo escritor. Garrett e Oliveira Martins foram os primeiros autores do nosso B A — BA de leitura de uma obra literária.

Em segundo lugar, Fidelino de Figueiredo levou-nos à prática da crítica literária. Então (estávamos nos anos 30) exercia sobre nós grande influência uma abundante e prestigiosa crítica jornalística, praticada por um mordaz e espirituoso Agripino Grieco e por um austero e magistral Tristão de Athayde (pseudônimo de Alino de Figueiredo) fez-nos compreender que esta e outras manifestações da crítica impressionista poderiam chegar a válidas observações sobre o valor da obra criticada, mas era evidente que faltavam a essa crítica sistemáticos métodos de análise e interpretação da obra literária e um mais elevado critério de avaliação. Daí então passamos à prática de uma crítica que, num primeiro nível, o da pesquisa histórica, o da apuração do texto e o da análise e interpretação da obra, tinha de trabalhar como uma ciência da literatura e, num segundo nível, o da avaliação, tinha de objetivar uma superior direção de espírito em face de nossa luta pela compreensão da existência humana e do universo que a contém, duas realidades que a obra literária procura sempre expressar. Em suas aulas e em suas magistrais conferências sobre Antero de Quental, em 1942, Fidelino de Figueiredo, com extraordinária capacidade de ensino e insinuante poder de comunicação verbal e gestual, exemplificou suficientemente, ao seu crescente alunado, estas duas formas de críticas.

Tendo-nos levado a compreender o que era ler e o que era criticar uma obra, Fidelino de Figueiredo passou a ensinar-nos a trabalhar no campo da historiografia literária, e aqui, não apenas no sentido da pesquisa do fato histórico, mas também no sentido da interpretação desses fatos, dentro de uma visão geral e crítica de um ou mais aspectos e segmentos da vida literária. Seus cursos introdutórios sobre as épocas da literatura portuguesa e sua notá-

vel monografia sobre a épica portuguesa no século XVI exemplificaram esses procedimentos, e em quatro conferências proferidas em São Paulo em 1939, e publicadas no volume a que já me referi, *Aristarchos*, indicou os métodos, os caminhos e as perspectivas da historiografia literária.

Finalmente, Fidelino de Figueiredo fez-nos compreender que era impossível estudar literatura e chegar a uma compreensão lúcida de todos seus fenômenos — como a obra, seus gêneros, suas formas ou estrutura e linguagem, as épocas históricas, etc. — se não fôssemos capazes de refletir sobre a essência desses fatos e suas relações. Impunha-se, portanto, o conhecimento da problemática geral da literatura, então denominada filosofia da literatura e, hoje, teoria da literatura. Suas idéias, neste campo de abstrações e especulações, em prestigiosa moda nos anos 30, expôs Fidelino de Figueiredo em vários ensaios e conferências e, por fim, sistematicamente, no livro já referido, *A luta pela expressão*, publicado em 1944 e, três anos depois, discutido pelo autor, na Universidade de São Paulo, no primeiro curso de especialização em literatura portuguesa que se deu no Brasil.

CONCLUSÃO

Creio que a exposição que aqui fica é suficiente para nos levar a compreender a colaboração que Fidelino de Figueiredo deu, de 1938 a 1951, à criação, à fundamentação e ao desenvolvimento do ensino da literatura portuguesa no Brasil e, por uma exponenciação de seu magistério e influências de suas idéias, ao nosso ensino de literatura em todos seus aspectos e graus. Consequentemente creio que é justa esta homenagem que a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul presta, nestes seminários, à memória do grande Mestre português.

Por esta honrosa homenagem à memória de Fidelino de Figueiredo, em nome de minha mulher, sua filha, e de meus cunhados, e no meu próprio, expresso penhorados agradecimentos a esta Universidade e particularmente ao meu ilustre colega, Prof. Ir. Elvo Clemente, idealizador e organizador desta, para nós, comovente iniciativa.